

CEDI - P. I. B.  
DATA 06/01/88  
COD. 1111

## As índias resistem

(Zilda Montenegro)



Foto: Edelson

**Índios makuxis e wapixanas da maloca de Santa Cruz, cercados por tropas da polícia**

*Em Roraima, onde existe um dos maiores contingentes indígenas ainda preservados, os conflitos com os índios se avolumam. No dia 13 de julho último, os índios makuxis e wapixanas da maloca Santa Cruz, em Normandia, foram cercados por uma tropa das polícias civil e militar, sendo espancados e encurralados na chuva, inclusive crianças doentes. O fato foi consequência de anos de confronto por terras. Um grande latifundiário estendeu suas fronteiras ocupando terras indígenas e, através de seus jagunços, vem impedindo os índios de criarem seus animais, fazerem suas plantações e realizarem atividades como a caça e a pesca. Desesperados, os índios prenderam três jagunços que invadiram suas terras, com o objetivo de atrair a atenção das autoridades para um diálogo com a comunidade indígena e consequente solução para o problema. Ao invés de dialogar com os índios, vieram com a força da repressão: armados de metralhadoras, batendo em homens, mulheres e crianças, prendendo 19 índios. Dentre as vítimas da*

*agressão estava Dona Cleonice, grávida de 3 meses, que chegou a ser espancada pela polícia. Ela nos conta como foi:*

**N**ós estávamos fazendo o plantio quando chegaram chutando, botaram-nos de castigo debaixo de chuva, deitados no chão, no meio da lama, juntamente com as crianças. Tiraram as crianças depois que viram que estavam todas molhadas. Tinha criança que tremia com febre, gripe, malária. Tudo doente, debaixo de chuva. Ai eu falei pro delegado:

- Mas delegado, isso é castigo!

- "Não. Isso é porque os índios merecem".

- Ninguém tá merecendo não, delegado. Nós estamos na nossa maloca, fazendo o plantio pra gente se alimentar.

- "Mas índia, cala a boca".

- Eu num calo. Eu tô na minha maloca.

Foi só o que eu falei. Ai eles botaram a arma em cima de mim e eu não falei mais porque tava com medo de morrer e tenho muito filho pra deixar.

E muita gente foi apanhando (apanhotu). Num é só eu não. Não tem um que não tá batido. Tudo de fuzil. Até metralhadora tinha lá dentro da sala.

Botaram lá dentro que não era pra molhar. E eles deixaram molhar os índios mas não esqueceram da metralhadora. Duas caixas de bala. Ai eu perguntei: - Escuta, vocês vieram pra guerra? Nós não estamos guerreando não. Nós estamos fazendo nosso plantio.

- "Não. Mas se vocês merecerem vão entrar todos na bala". Mesmo assim falou o coronel.

## As makuxis vão à luta

O caso de Dona Cleonice comoveu o povo de Roraima.

Interessadas em saber mais sobre a vida da mulher makuxi, fomos procurar Dona Júlia Makuxi, atualmente residindo em Boa Vista. Júlia Makuxi veio para Boa Vista pra lutar junto às autoridades contra os grileiros. Mora num bairro da periferia: o Asa Branca. Ao chegarmos lá ela embalava um bebê recém nascido, enquanto que quatro outras crianças brincavam pela casa. Falamos que gostaríamos de saber um pouco sobre a mulher makuxi, de como se processava, na maloca, a divisão do trabalho, qual o papel social da mulher. Ai ela interrompeu e falou: -

★ Zilda Montenegro é integrante da Comissão Pró-União de Mulheres de Roraima

Eu não sei o que é esse negócio de social não. Eu não entendo essas palavras. Esclareci melhor e ela se pôs a falar:

"Antigamente, o trabalho não era organizado. Mas hoje é. Enquanto os homens vão caçar ou pescar, ou vão trabalhar na roça, as mulheres ficam trabalhando, fazendo comida, preparando o caxiri (bebida). Agora é melhor. Quando os homens chegam já está tudo pronto.

Tem muitas mulheres que já estão ajudando os homens, os tuxauas (líderes), para combater os brancos que estão contra nós. Eu acho que se nós, mulheres, nos organizarmos vai dar mais força. E vamos ganhar essa luta. Mais que os homens. Eu acho que nós, mulheres estamos começando a entender. Se nós não dermos força aos homens, eles não vão conseguir. Eles estão fracos.

O Esmeraldino (FUNAI-RR) não ganha pra ajudar nós, mas pra ser contra. Quando eu estive em Brasília falei com todo o mundo. Só não falei com aquele... o Sarney, mas tentei. E dizia os problemas que nós estávamos passando. E de lá eles ligavam pra cá, para o juiz, e ele respondia que os índios estavam bem. Ligavam pro Cel. Menna Barreto e pro Esmeraldino e eles diziam a mesma coisa. O Esmeraldino vive dizendo que as terras de Santa Cruz não são do índio. Eu pedi a ele que me mostrasse no papel. Mas ele não tem. Eu sei que ele não tem. Mas ele diz que as terras são do Newton Tavares. Os nossos homens estão começando a baixar a cabeça pra ele. Eu acho que nem o Conselho de taxauas está preocupado com Santa Cruz.

Outro dia o Cel. Menna Barreto veio aqui em casa pra me prender. Disse que eu estava insuflando os índios e que eu não era índia porque morava na cidade. Disse que eu era cabocla. Eu disse que caboclo é ele e que eu não deixei de ser índia porque vim para a cidade defender meus parentes. A minha verdade é que eu defendo meus parentes onde eu estiver: na cidade, no seu escritório, na delegacia. Eu não preciso ganhar dinheiro pra defender meus parentes. Eu não deixei ele entrar na minha casa. Ele queria entrar.

Eu acho que nós temos que ser muito fortes. Muito fortes que o direito é nosso. Os meus parentes não me defendem. Ai eu só "caçando" (buscando) as mulheres mesmo. Vou reunir todas as mulheres.

Deixa exército vim, deixa metralhadora vir, se quiser me metralhar me metralha mas eu morro lutando. Se a polícia me matar eu morro sem medo, porque tem muita mulher que vai continuar.



Foto: Ednelson

### Índias makuxis em assembléia, em destaque Júlia Makuxi

**Zilda** - Uma mulher pode ser tuxaua?

**Júlia** - Pode. Lá na minha maloquinha queriam me eleger tuxaua. Mas eu não queria um homem como capataz meu. Tinha que ser mulher. Só que não aceitei porque tenho muito filho, muito trabalho.

**Zilda** - Como é o casamento makuxi?

**Júlia** - A menina se formava. Pra ela se formar ela tinha que ficar um mês dentro de casa com a rede lá em cima. Ai a gente dava damorida. Dava a comida dela. O homem que se engracasse dela ia pedir em casamento ao pai e à mãe. Os pais da moça experimentavam ele no trabalho. Se ele venesse, ganhava a menina. Quando era no dia do casamento, os pais iam fazer caxiri e o noivo ia enfrentar mais uma prova.

O pai da noiva e o noivo corriam um de encontro ao outro, para se peitar. Se o pai fosse mais forte que o noivo, não haveria casamento. Mas o marido não podia bater na mulher,

Na Constituinte as empresas mineradoras articulam seu lobby para derubar qualquer empecilho à sua atuação nas reservas indígenas. Nessa guerra, os empresários nacionais e estrangeiros contam com a ajuda de órgãos governamentais como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que deveria zelar pelos direitos indígenas, mas que segundo denúncias dos índios, está envolvida numa teia de corrupção, que vai desde o desvio de verbas até o de ficar complacente com os invasores das reservas indígenas.

A penetração das mineradoras nas reservas indígenas poderá apressar o

maltratar.

**Zilda** - E as moças aceitavam normalmente o pretendente?

**Júlia** - Sim. Elas aceitavam normalmente. Mas hoje em dia as meninas Makuxi já querem casar com branco.

**Zilda** - O homem Yanomami tem o costume de casar com várias mulheres. Os makuxi também tem esse costume?

**Júlia** - Antigamente tinha índio que tinha muita mulher. Tem um tio meu que tem cinco mulheres.

**Zilda** - As mulheres Yanomami têm o costume de sacrificar o filho recém nascido, caso o espaço de tempo entre ele e o anterior seja muito curto, pois teria dificuldade em criá-lo. E a mulher makuxi?

**Júlia** - Não. Quando nasce um assim muito perto do outro, a mãe coloca um nas costas e o mais novinho no peito. O pai ajuda com os outros. E a mãe faz tudo assim, vai trabalhar sem problemas. Agora tem muita gente que tá vindo pra cidade e tá matando as crianças, provocando aborto.

etnocídio que já vem sendo praticado contra essa raça desde o descobrimento do Brasil. Em 1500 havia aproximadamente 5 milhões de índios no país e hoje não ultrapassam os 230 mil.

No brutal extermínio da população indígena brasileira, a mulher índia sempre foi alvo da violência. Muitas tribos foram dizimadas por doenças venéreas, transmitidas pelo homem branco através da mulher índia. Muitas índias destacaram-se na luta de resistência contra os massacres e nas lutas pela independência do país, como, Clara Camarão, heroína da resistência à 2ª invasão holandesa em 1634.